



## GT 7: DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA

### RECICLANDO MEMÓRIAS: VALORIZAÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA DOS CATADORES

Lillian Cristina Cruvinel Torres (UEPG); email: lillicruvineltorres@hotmail.com

#### TEMÁTICA: DESENVOLVIMENTO E POBREZA; ECONOMIA SOLIDÁRIA

**RESUMO:** Com o avanço do capital promovendo altas taxas de desemprego, somando-se aos problemas ambientais ligados a intensa produção de lixo, surgiu e tornou-se crescente a ocupação de catador de material reciclável. Trabalhando com o descarte da sociedade, esses sujeitos, muitas vezes, sofrem exclusão e preconceito. A partir da reflexão de cultura desenvolvida por alguns teóricos e, elencando potencialidades do trabalho com fontes orais, argumenta-se nessa pesquisa sobre a relevância da produção de narrativas de história de vida de classes não hegemônicas, como a dos recicladores. Para tanto, realizou-se uma breve revisão bibliográfica sobre os temas abordados e relatou-se a experiência de um projeto de extensão de alguns professores do DEHIS/UEPG em parceria com a IESOL/UEPG, executado em uma associação de reciclagem no município de Porto Amazonas. Esse projeto resultou em um conjunto de entrevistas que após o seu tratamento serão disponibilizadas para a comunidade acadêmica, com o intuito de gerar pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Essas narrativas revelaram a complexidade desse grupo de trabalhadores, invisibilizados socialmente, que possui comportamento, modos de agir e falar e visões de mundo bastante próprios.

**Palavras chave:** reciclagem; catadores de materiais recicláveis; memória; história oral; inclusão social.

#### 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a produção excessiva de lixo estimulada pelo consumo desenfreado do sistema capitalista, propiciou o surgimento de um novo sujeito no mundo do trabalho: o “catador” de material reciclável. Entretanto, a existência de pessoas que viviam do lixo não é recente no Brasil. A figura do catador já era relatada através dos “garrafeiros”, presentes nos bairros e vilas das cidades no início do século XX. Com o passar dos anos e o crescimento das cidades, pessoas iniciaram o processo de “catação” nas ruas pela venda de papel e de sucata de metal. Porém, ainda não haviam se espalhado por todo o país e estavam longe de se constituírem como uma das populações trabalhadoras mais numerosas da atualidade (BOSI, 2008).

Em meados da década de 1980, algumas discussões apontavam que produtos descartáveis, que tem vida curta no ciclo de consumo capitalista, tornaram-se um dos maiores problemas ambientais urbanos. Tais discussões, ganharam força com a realização da ECO 92 no Brasil, onde “as questões ecológicas apareceram mais claramente para a humanidade por ser uma questão de sobrevivência do



planeta” (SCARIOT, ACKER, 2014). Nesse momento, o movimento dos catadores também obteve maior visibilidade, afinal, o lixo precisava ser recolhido e reciclado para sobrevivência do planeta e o catador, na maioria das vezes excluído do mercado formal de trabalho, encontrava na comercialização desses resíduos uma fonte de renda que assegurava a sua sobrevivência.

Assim, diversos municípios implantaram o sistema de coleta seletiva fazendo com que catadores individuais pudessem formar associações e cooperativas para a prestação de serviços (PINHEL, 2013). Ocorreu concomitantemente, o trabalho de organizações não governamentais, instituições sociais, incubadoras universitárias e poder público com o intuito de promover a inclusão social e econômica desses trabalhadores.

De acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR), a maior conquista no decorrer do processo de organização, foi interna, pois eles passaram a pensar e trabalhar pela mobilização da categoria. Com o passar dos anos, começaram a perceber os outros trabalhadores da reciclagem como companheiros e não como concorrentes. Consideraram que seria apenas através da organização que o preconceito e exclusão social seriam minimizados (SCHEWENGBER, 2015, p.16).

Nesse contexto, destaca-se a Associação de Recicladores de Porto Amazonas (ARPA), fundada em 2006 por trabalhadores do município de Porto Amazonas/PR, a partir dos princípios do cooperativismo popular e da economia solidária. A criação desse empreendimento está intimamente ligada a atuação da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que forneceu assessoria na captação de recursos financeiros para implementá-la e na facilitação das bases que determinaram a organização interna da ARPA (regida de forma autogestionária e trabalho coletivo).

A incubadora continua assessorando o grupo até os dias atuais e uma das atividades desenvolvidas recentemente neste espaço foi um projeto de extensão, resultante de uma parceria estabelecida com o Departamento de História (DEHIS/UEPG), que possuía o objetivo de produzir narrativas de histórias de vida com os sujeitos que participam do processo produtivo na associação.

No entanto, neste trabalho, especificamente, discutiremos a importância de empregar a prática da história oral de vida em grupos minoritários, como por exemplo, o dos recicladores; quais os procedimentos metodológicos devem ser observados; e, com a análise parcial de um depoimento, buscaremos compreender como eles narram e interpretam a experiência de trabalhar na reciclagem.

## **2. CULTURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL**

Para refletir sobre as razões que levam a produção de histórias de vida, principalmente, de grupos minoritários, destaca-se os escritos de Raymond Williams sobre cultura. Para ele:

A cultura é algo comum a todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas  
22 a 24 de novembro de 2017**

ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções (WILLIAMS, 2015, p.5).

Esse autor defende que a cultura é algo comum a todos. Porém, ele também nos diz que o termo cultura foi e é utilizado em dois sentidos: “para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e processo criativo” (WILLIAMS, 2015, p.5). Nesse sentido, Williams também argumenta que o significado do referido termo foi distorcido gradativamente pelas classes dominantes, que impuseram a premissa equivocada de que cultura é algo erudito, pertencente apenas as elites que a desenvolveram. Tal distorção, foi agravada pelo avanço do capital nas sociedades contemporâneas, onde se rejeitou por muito tempo os modos de vida de classes não hegemônicas, desconsiderando que eles possuíam suas próprias instituições, seus comportamentos diversificados, modos de falar e outras formas criativas.

Contribuindo com a discussão, o historiador Edward Thompson, que estudou aspectos culturais da classe operária inglesa no século XVIII, indica que naquele período “o termo “costume” foi empregado para denotar boa parte do que hoje está implicado na palavra “cultura”. O costume era a “segunda natureza” do homem” (THOMPSON, 1998, p.14). Todavia, ele também demonstra que os costumes de uma cultura plebeia, ou das camadas populares, também eram desprezados pelos dominantes e encontravam-se em declínio. Thompson ressalta que:

O povo estava sujeito a pressões para “reformatar” sua cultura seguindo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral e o esclarecimento escorria dos estratos superiores. Mas as pressões em favor da reforma sofriam uma resistência teimosa e o século XVIII viu abrir-se um hiato profundo, uma profunda alienação entre a cultura patriciana e da plebe. (THOMPSON, 1998, p.13).

Assim, ambos autores dialogam quando observam as recusas ou negligência dos costumes de uma cultura popular. Considerando-as discretas sobrevivências, deixou-se para trás algo “*sui generis*: ambivalência, *mentalité*, um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa” (THOMPSON, 1998, p.14).

Posteriormente, com o avanço dos estudos culturais e da história social, aos poucos, rompeu-se com esse tipo de pensamento. Nesse sentido, os argumentos acima utilizados, permitiram a percepção de que independente de classes sociais, ou mesmo do acesso a bens materiais ou educacionais, considera-se que há múltiplas experiências culturais que devem ser registradas. Assim, destaca-se o trabalho desenvolvido com os catadores/ recicladores da ARPA, na produção de narrativas de história oral de vida. As entrevistas revelam experiências individuais e coletivas, formas diferenciadas de relações culturais, assimilações, tensões, sociabilidades (re)inventadas pelos trabalhadores, ou simplesmente a cultura ordinária da atividade laboral que exercem, muitas vezes ignorada pela sociedade.

Produzir entrevistas com uma população mais humilde ou, especificamente, com o coletivo de trabalhadores da reciclagem, pode estimular a autoestima desses indivíduos desprovidos de condições materiais e marginalizados pelo mercado formal de trabalho. Essa prática estimula também o empoderamento e o desenvolvimento da autonomia para que eles busquem se posicionar frente determinados assuntos e sintam legitimado seu ofício. Muitas vezes, essas pessoas



passaram por tantas situações de exclusão que não se sentem nem no direito de ter uma história. Para eles, também parece impossível que alguém gostaria de ouvi-los.

Do ponto de vista patrimonial, o ato de narrar também possibilita aos participantes o direito à memória, “valorizando e dando visibilidade às trajetórias e experiências de vida dos trabalhadores para além de seus espaços imediatos, buscando construir sentido de pertença e inclusão social, econômica e cultural” (CARVALHO, 2014, p. 5).

A pesquisa com história oral revela muitas potencialidades, na mesma medida em que são enfrentados desafios. Faz-se necessário observar alguns procedimentos para conferir rigor científico e antes de iniciar as entrevistas, é muito importante que o pesquisador compreenda que o trabalho com fontes orais faz parte de um projeto compartilhado, no qual o entrevistado e o entrevistador são envolvidos.

Há um outro elemento fundamental para compreender as histórias de vida: a subjetividade do informante. Dessa forma, essas entrevistas contam menos sobre eventos ou fatos, contando mais sobre os significados que o indivíduo atribui. Na perspectiva de Portelli:

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito o que sabemos (...), mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Isso não quer dizer que documentos orais são falhos ou mesmo falsos. Apenas demonstram que a memória é algo mutável, ou seja, um processo ativo de criação de significações.

A partir dessas reflexões, que nortearam o projeto de extensão, foram produzidas 14 entrevistas na ARPA, entre os anos de 2014 e 2016. O grupo de narradores constituiu-se de 7 homens e 7 mulheres, com idade bem variada (19 a 55 anos), contabilizando aproximadamente, 11 horas de gravação.

No desenvolvimento do trabalho, as entrevistas foram norteadas por eixos de referência. O primeiro, tratou da biografia, onde a pessoa fala livremente da sua vida, desde a infância; no segundo, se enfatiza a vida laboral do sujeito, permitindo que ele relate as experiências no mundo do trabalho e os caminhos que o levaram a trabalhar na reciclagem, sob a perspectiva da economia solidária; e no último, questiona-se as expectativas em relação ao futuro. Tais eixos foram desenvolvidos de forma bastante sutil, sendo quase imperceptíveis durante as narrativas.

O conjunto de entrevistas encontra-se em tratamento (transcrição e conferência) e com a finalização, constituirá um repositório de histórias de grupos de trabalhadores, dando mais visibilidade aos sujeitos, além de produzir inúmeras fontes para pesquisas em diversas áreas do conhecimento quando disponibilizadas.

A partir de uma análise parcial das narrativas considera-se inquestionável a riqueza do material coletado. Para exemplificar, serão apresentados fragmentos e respectivas observações de uma entrevista realizada com uma das recicladoras da associação. Esses fragmentos denotam a trajetória biográfica, algumas percepções

---

<sup>1</sup> Objetivo específico “C” do projeto de extensão “Memória, economia solidária e inclusão social de trabalhadores de Reciclagem da ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas).



que a entrevistada tem sobre o trabalho e as expectativas em relação ao futuro, bem como sua visão do mundo.

A entrevista foi produzida com a senhora Ilvanir, com 52 anos naquele momento (05/11/2014), na sede da ARPA. Quando um dos entrevistadores solicita a informante que conte um pouco da sua história, ela relata:

Meu pai bebia muito, minha mãe doente. E parecia cigano, hoje tava aqui, amanhã tava em Ponta Grossa, depois de amanhã tava em Curitiba. Não tinha parada, porque o pai bebia, sabe? Então a gente vivia igual dinheiro, rolando na mão dos outros, hoje aqui, amanhã lá, e assim ia indo. Mas sempre junto, né? Sofrida, mas que nem eu falei, divertida, porque a gente não se separava! Depois, com o tempo foi melhorando, a gente melhorou de vida, né? Chegamos a passar fome. Parte da vida ali, com uns dezoito aos vinte anos, a gente passou fome. (...) Se pudesse voltar dos cinquenta pros trinta, já tava loco de bão, queria fazer tudo de novo! (risos) Assim, que eu nunca escondi, eu sempre falei e falo: - Eu fiz tudo o que eu podia e o que eu não podia quando eu era solteira, né? Tentei também, não escondo, tentei me envolver com droga, que achava que era um meio de eu, como é que posso dizer assim, de eu ter uma vida mais fácil de ganhar bastante dinheiro, né? Tentei, mas não consegui, graças a Deus, não consegui me envolver. Daí me envolvi na bebida, foi vinte anos bebendo.

Nesse trecho, a entrevistada indica que durante um bom tempo sua trajetória foi de intensa itinerância, isto é, de migração interna em regiões geográficas diferentes no país. Revela uma trajetória esgarçada, ponto comum entre várias entrevistas concedidas pelos recicladores. A vulnerabilidade econômica e as suas consequências, como a situação de passar fome, o alcoolismo e o contato com as drogas são lembradas profundamente, porém com resiliência e no sentido de superação. Em alguns momentos, Dona Ilvanir diz implicitamente que enfrentou situações que ela pode não ter sido tão correta, do ponto de vista moral construído socialmente, principalmente quando comenta que fez “o que podia e o que não podia”. No entanto, não diz claramente para não evidenciar o passado que lhe é desconfortável.

Ao ser perguntada sobre os motivos que ela afirma “gostar de trabalhar na ARPA”, e sobre a diferença de trabalhar nesse local e em outras empresas, ela responde:

Eu acho que é assim, por não ter ninguém a sua volta, enchendo o saco. Porque aqui a tua maneira de trabalhá é... a vontade de ganhar que te faz trabalhá. Que você vai recebê por aquilo que você fizer, então, você tá lá na tua casinha, lá não tem ninguém pra te torrâ a paciência, nada. Você trabalha à vontade. Eu acho que de todos que eu já trabalhei, a diferença é essa. Se você se sente a vontade, e cada bag, cada saco que você joga em cima da mesa pra reciclar, é uma surpresa, porque você não sabe o que tem ali dentro. Então, isso vai um, vai outro e, aquela... eu acho que um bom tanto é curiosidade, né? Você não sabe o que tem dentro do saco, você não sabe o que foi dentro do bag lá, eu acho que é isso. E é uma terapia também, né? Veja quantos sacos tem pendurado lá pra... usá bastante a cabeça pra não misturá o material, eu acho que é isso, eu adoro! E não tenho vergonha de dizê que trabalho aqui. Quando chamam isso aqui de lixo, digo: Não é lixo, é uma associação de reciclável!



Nessa fala a entrevistada aponta diversos temas que podem ser problematizados. Ela comenta os motivos que a agradam na ARPA, como o fato de não haver um supervisor ou um chefe cobrando produção. Nesse momento parece claro que ela não está inserida na dinâmica idealizada nas formações em economia solidária. Na verdade, ela revela tensões em relação ao movimento social, inclusive por destacar o trabalho individual.

Numa segunda observação é bem interessante quando a entrevistada destaca a curiosidade ao abrir cada bag e ao considerar o trabalho de triagem e separação de material uma terapia. A fala parece amenizar a marginalização e o preconceito que sofre por trabalhar na reciclagem. Inclusive a reação ao preconceito revela um sentimento de pertença ou identidade vinculado ao um grupo social, o dos recicladores da ARPA. Cabe enfatizar, que a “curiosidade” e “terapia” são palavras fortemente presentes nos discursos de outras mulheres da associação. Essa ocorrência pode estar ligada às tragédias psíquicas pelas quais muitas delas passaram, como a violência, o alcoolismo, sequestro, entre outros.

Ao perguntar a recicladora se ela considera o trabalho que desempenha importante, ela responde:

Eu sei lá, mas acho que a gente cuida do meio ambiente, né? E tem que ter alguém pra fazer, pois já imaginou, se ninguém fizer, como que vai ficá a cidade? Então alguém, tem os que sujam e tem nós pra limpá, no caso, assim. E o desperdício de alimento, porque tem ainda muita gente que não sabe reciclar. Vem muito alimento junto. Coisas até que, se fosse pra por no lixo, desse pra algumas famílias mais pobres do que a gente, que necessita mesmo. Porque tem coisas que se for olhá, tá dentro do prazo de validade e tudo, mas tá no lixo. Então, em vez de por ali no lixo, pega faz uma sacolinha e leva lá pra uma pessoa mais carente do que a gente.

A resposta impressiona quando ela comenta do desperdício, inclusive quando aponta que há pessoas que necessitam mais do que ela (ou do que os outros recicladores) daqueles alimentos. A reflexão que ela faz do lugar que ocupa não é a mesma feita por alguém que está absolutamente à margem da sociedade. Isso revela a valorização do trabalho, de ela ocupar e realizar uma função e assim ser remunerada por isso, independente do julgamento do imaginário social em relação à reciclagem.

Para entender melhor as expectativas que esta recicladora possui sobre o futuro e a sua continuidade na ARPA, ela narra:

Eu creio que sim. Enquanto a minha mãe tiver saúde e eu também, pra que eu consiga vim e voltar pra eu cuidar da minha casa, daí eu vou continuar (risos). Eu gosto! Só que não é o futuro que eu quero pro meu filho. O meu filho, eu quero outra coisa pra ele. Não desprezando aqui, porque ele é novo, ele ainda tem chance, tem tudo pela frente. Eu já na idade que eu tô. E outra que eu gosto daqui. (...) Quem ouvir [a entrevista], que já passou por problemas igual eu, e superou, que aproveite, que a vida é bela! Se divirta bastante! (risos)... E que não se envergonhe de trabalhá, seja no serviço que for. Varrer rua, carpir. Não se envergonhe, que todo o trabalho é honesto.

Na sua resposta, percebe-se que a presença da recicladora na associação parece não ser algo definitivo, tanto que em alguns momentos, parece que ela está



tentando se convencer (e convencer os entrevistadores) que ela realmente gosta de trabalhar ali. Entretanto, isto se confirma ao apontar que não deseja que o filho desempenhe a mesma função. Dizer repetidas vezes a mesma frase (que gosta do trabalho) pode sugerir o oposto. Isso também pode indicar a relação de poder e/ou simbólica estabelecida entre entrevistado e entrevistador. Neste caso específico, os pesquisadores representavam a universidade, que tanto apoiou a associação em alguns momentos. Responder o que os entrevistadores gostariam de ouvir poderia ser a melhor opção.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre cultura estabelecida no início do texto, mesmo que breve, permite-nos perceber que há muito o que observar e problematizar em diversas camadas e grupos sociais no aspecto cultural, que revelam costumes, significações e atitudes bastante próprios de cada núcleo. No entanto, sabe-se que as classes não hegemônicas ficaram desprovidas, por um longo tempo de registros dos seus comportamentos, pouco considerados pelos dominantes.

Embora o pensamento social tenha avançado, há muito o que se fazer para contribuir com a visibilidade das minorias e propiciar sua inclusão. Nesse sentido, destaca-se a produção de fontes orais como oportunidade de estimular a autonomia e o empoderamento nesses estratos sociais, bem como a diminuição de desigualdades.

A história oral oferece muitas possibilidades, ao mesmo passo que apresenta desafios ao pesquisador. Exige preparação para lidar com as adversidades do campo e para o momento das análises. Faz-se essencial a conjugação entre teoria e prática para lidar com a subjetividade, esquecimentos, rejeições, omissões e as relações de poder que permeiam a entrevista.

No projeto de extensão que viabilizou a produção de narrativas de história de vida dos recicladores, os fragmentos de uma única entrevista demonstraram uma infinidade de elementos para reflexão. Nesta narrativa, como nas outras, revela-se a trajetória individual, com fatos implícitos e explícitos (de acordo com a conveniência), ações da vida cotidiana, divergências na socialidade, dentre outras coisas. Partindo da concepção geral de todo o conjunto de entrevistas, ela também apresenta pontos de convergências com a fala de outras mulheres, denotando os conceitos compartilhados no imaginário coletivo.

Todas histórias de vida apresentam situações muito peculiares e a maioria compõe um quadro de esgarçamento na trama social. É morosa a sua análise, pois o pesquisador corre o risco, a todo momento, de heroizar ou vitimizar as pessoas e assim, deixar de apresentá-las como sujeitos de uma cultura ordinária com toda uma complexidade de discursos, mentalidades e expectativas.

### REFERÊNCIAS

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23, n. 67. São Paulo, junho de 2008.



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas  
22 a 24 de novembro de 2017

CARVALHO, Alessandra. **Memória, economia solidária e inclusão social de trabalhadores de reciclagem da ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas)**. Projeto de extensão aprovado pela PROEX/UEPG. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014,

PINHEL, R. **Do lixo a cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997b

SCARIOT, Nadia; ACKER, Celso H. **História de vida e exclusão social: os catadores de lixo reciclável em Ijuí**. 2014. Disponível em: [http://www.mobilizadores.org.br/wpcontent/uploads/2014/05/artigo\\_scariot\\_acker.pdf](http://www.mobilizadores.org.br/wpcontent/uploads/2014/05/artigo_scariot_acker.pdf)  
Acesso em: 29 de dezembro de 2016.

SCHWENGBER, d (et al). **Recicladores de histórias, catadores de sorrisos**. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.